

HUMILDE REPLICA A' RESPOSTA, QUE

NO ASTRO N.º 341,

VEM INSERTA EM REFUTAÇÃO A'S REFLEXÕES DE *ARISTODEMO*.

O Redactor nesta resposta parece ter passado silencioso sobre o ponto principal da questão, isto he a prisão de *Luiz do Rego*, que elle requeria, como procurador de certos Pernambucanos. Tinha argumentado fortemente em o seu N.º 325 com a supposta paridade de circumstancias entre *Rego* e *Stokler*, e concluido que pois este se achava preso, aquelle o devia ser.

Hum pobre Aristodemo fez vêr ao *Astro*, e ao publico a falsidade de taes raciocinios, e a differença que ha das circumstancias de *Luiz do Rego* ás de *Stokler*: a isto chama o *Astro* huma longa diatribe; mas não teve tempo de combater aquelles argumentos; e gasta duas gordas paginas e meia a dizer que não inveja a gloria de *Luiz do Rego*, e que não mentio. Instrue depois proveitosamente o publico explicando o que he mentira, e o faz como bom conhecedor da materia.

Seguiremos brevemente, e artigo por artigo todos os da refutação. — Diz o *Astro* que não pode invejar a gloria de *Luiz do Rego* porque não he militar: confunde com a nobre emulação, que caracteriza os genios grandes hum furor, que não pode soffrer o bem alheio, como diz la Rochefoucauld; mas não he estranho que o Redactor negue ser possuido de inveja; na fraze do mesmo filosofo, he ella huma paixão vergonhosa e timida, que ninguém ousa confessar.

De nobre emulação dizem que era possuido Alexandre, que invejava a gloria de Achilles, Cesar a de Alexandre, Rphael foi emulo de Miguel — Anjo &c.: não he desta inveja que ao Redactor se attribuem os sentimentos; mas sim daquella, que invenena o merito que não pode possuir, que deprime o que lhe não he dado superar. A emulação louva o objecto, que pertende igualar, ou ex-

ceder, a baixa inveja o abate, e antiquilla: esta infelizmente não tem os estreitos limites, que o *Astro* lhe assignaia.

Diz o Redactor que Aristodemo o quiz deslumbrar com os pomposos nomes de grande General, e gloria militar; mas aonde fallou elle em grande General? Aristodemo chamou a *Luiz do Rego* General Cidadão, celebre por seu patriotismo: negará isto o modesto Redactor? Negará; mas que importa, se Portugal o confessa?

Ha poucos annos hum judicioso Escriitor publico, fazendo o elogio do desgraçado Gomes Freire, juridicamente assassinado pelos Ministros do despotismo, mencionou a bravura daquelle militar no assalto de Ismailow, sobre cujas muralhas plantou elle a aguia russiana em 1790; e justamente lançou em rosto aos nefandos monstros, que o levarão ao supplicio, o duro esquecimento desta acção brilhante, que a Gomes Freire dera hum nome illustre.

Não fez Aristodemo outra cousa mais do que indignar-se contra o *Astro*, que acriminava o Congresso por este não mandar prender *Luiz do Rego* sem processo, nem corpo de delicto; a *Luiz do Rego* que tantos serviços tem feito á sua Patria, e tão grande nome adquirido entre Nacionais e Estrangeiros — Eis-aqui, repito, a recompensa que este amante da patria dezejava dar a hum seu compatriota illustre.

Illustre: não fallemos relativamente aos serviços que fez na sua Provincia em o tempo da Restauração de Portugal, que mui distinctos forão; vem á memoria outros mais notaveis: Bussaco, Badajoz, Ciudad Rodrigo, Salamanca, Victoria, S. Sebastião, Nive &c. A respeito de S. Sebastião cumpre advertir ao Senhor *Astro*, que descoradas algu-

BIBLIOTECA EXERCITO

COTA: 1707/A CUSTO:

AUMENTADO EM: 08/07/2019

Oferta

Banco Sautaud-Totta

mas das nossas Legiões, e desistindo do ataque da brecha á força de hum fogo terrivel, cahidas em terra as bandeiras por a morte dos que as levavão, *Luiz do Rego*, conhecendo que da perda daquelle instante se seguirão desgraçados inconvenientes, levantou ambos os estandartes de hum dos regimentos, que commandava, e os foi denodado apresentar na brecha, que era hum volcão incendiado, chamando a elles com a voz, e com o exemplo as tropas até então vacilantes. O certo he que elle foi o primeiro que se assenhoreou da Praça, o primeiro que poz os pés dentro della, disputando-lha o inimigo palmo a palmo ainda por mais de duas horas depois de haver perdido os muros.

Isto na verdade não seria feito de outra forma por *Pachecos*, *Mascarenhas*, *Castros*, e *Alaydes*.

A gloria de hum Brigadeiro tal, Senhor *Astro*, he invejavel. Ah! se unicamente os Cesares, os Anibaes, os Albuquerquees, os Virgilioes, os Rafahaeis, os Voltairees, os D'Alembertes &c. fossem sujeitos aos tiros venenosos da inveja, seria o mundo hum Ceo! Desgraçadamente não he assim.

Perguntar o *Astro* que motivo pode haver para elle ser invejoso de *Luiz do Rego*, he o cumulo do desatino. Por ventura não vemos nós frequentemente a causa mais insignificante, o ressentimento pueril, que mor desprezo merece, ser guardado no fundo do coração á espera do momento da vingança, que quanto mais demorada mais violenta se toma?

Diz o Redactor que não he venal, e que Aristodemo lho chama julgando-o por si mesmo. Destas nodoas não cahem de certo em nossos pobres vestidos; mas não he este o lugar de tratar de tal assumpto. Não he Aristodemo, que estes aleives assaca ao Redactor; muita gente lhe tem chamado venal, e em diversos escritos, que hão corrido por esse mundo; não he pois estranho que se repita a voz publica não contrariada, principalmente attendendo-se á raiva, que o *Astro* sem motivo, que plausivel seja, affecta contra *Luiz do Rego*.

Escandalisa-se de que o tachem de falso de verdade, mas sem razão: diz que o povo de Pernambuco accusa *Luiz do Rego* de

anti-Constitucional, o que he falso; por quanto os habitantes mais probos de Pernambuco disserão, e escreverão o contrario por diversas vezes a El-Rei, e ao Augusto Congresso da Nação; e lá mesmo derão todas as provas de não terem os sentimentos de que o Redactor os suppõem possuidos. Quem criminou *Luiz do Rego* forão huns poucos de homens, chefes de partido, ou seus sequazes, que já o tinhão sido em 1817: o *Astro* sabe isto perfeitamente, porque ha sido de toda a publicidade; logo disse o contrario do que sabia logo faltou á verdade; nem se deve dar por offendido de que lho digamos.

Diz mais, que *Luiz do Rego* era accusado de ter mandado tirar huma devassa contra os que mostrassem regosijo por a nova ordem de cousas em Portugal, e funda-se em huma certidão do Escrivão *Tavares* (boa joia!!) a qual transcreve; mas a certidão não diz isso, logo ou não entendeo, ou mentio. As palavras são terminantes: mandou o Governador proceder a huma devassa em cada huma das Villas da Commarca = *sobre os effectos, que tinhão causado nos animos dos povos as noticias vindas ultimamente de Portugal pelo Navio S. Gualter.* = Será isto mandar devassar contra os que tivessem mostrado regosijo pela nova ordem de cousas, ou querer saber para que parte se inclinava a opinião publica? Quem será que interprete as palavras do escriba tão violentamente como o *Astro*, a não ser algum, como elle, jurado-inimigo de *Luiz do Rego*? Não se acabou de proceder á devassa, diz o menino *Tavares*, apezar da Portaria—isto he obra de sua casa—por quanto he certo que o Governador a não mandou proseguir em razão de o não precisar; se mandasse, havia de ser obedecido.

Em quanto ao Edictal, que diz haver-se affixado na Praça, pode ser que o *Astro* vá nisto de melhor fé de que nas outras accusações; e como este he o ultimo pelouro, que atira a *Luiz do Rego*, he justo que lhe digamos. =

As noticias da Restauração do Porto chegarão confusas a Pernambuco pelo paquete *Chesterfield*: nem hum impresso se vio, nem o nome de nenhum dos Restauradores;

as proclamações manuscritas foram cheias de erros, e de absurdos taes, que tornavam em muitos lugares o sentido imperceptível; de sorte que apenas se soube que em Portugal havia revolução. Em tal caso era preciso acautellar as propriedades de muitos cidadãos, e o Governo julgou dever cooperar para isso; e esta cooperação não foi obra do Governador só de per si, mas decidida com os Ministros, e alguns dos principaes negociantes. Não se obrigou navio algum a ficar no Porto, deixou-se sair todo o que pretextasse fazer escalla por Lisboa, a fim de não soffrer os inconvenientes de hum bloqueio neste Porto, noticia esta que lá andava muito em voga. Não se tirarão os lemes aos navios, como dizem que se fez na Bahia, e Rio de Janeiro; antes da chegada da ordem do ministerio se desimpedirão absolutamente, isto he, assim que se soube o que verdadeiramente havia em Portugal. Talvez o *Astro* não soubesse isto; pois se o quizer contradizer, acha de certo o *Tavares* prompto para passar huma certidão, que pode interpretar a seu sabor, e talante.

A citação que traz o *Astro* de huma passagem do Correio Braziliense, querendo mostrar qual o juizo do Redactor daquelle estimavel jornal á cerca do tratamento dos presos de Pernambuco em nada favorece o seu argumento. He forte mania a de zangar com o sentido Litteral dos escritos! O' Senhor, diga o que lá está, e deixe as interpretações para os Commentadores da Biblia.

O Correio Braziliense diz que não convem ao Brazil os Governadores do antigo regime, que por melhores que fossem governavam despoticamente: pois antes d'elle isto escrever, o escreveu *Luiz do Rego* a El-Rei, e ás Cortes Nacionais, expondo todas quantas razões havia para elle ser removido: isto parecer-lhe-ha estranho, e dirá = então porque não poz pés em polvorosa? = Ora ahi tem huma resposta franca, e verdadeira = Porque a Provincia estava desde 1817 dividida em dois partidos; o Governo, que ficasse em Pernambuco devia ser obra de hum delles, por conseguinte desagradavel ao outro, por conseguinte perigoso, e sujeito a convulsões, que podião produzir guerras civis. He natu-

ral que a *Luiz do Rego* (e com razão) se tornasse a culpa, e fosse accusado de abandonar o seu posto; por isso o não fez, e preferio pedir a sua remissão, e hum Governo para a Provincia, mandado fazer de ordem Superior. Este seria por isso mesmo mais respeitado, e estavel do que huma obra meramente popular, a qual o povo, que a faz, julga poder desfazer quando muito lhe approuver.

Este procedimento parecerá ao *Astro* mui reprehensivel: que importa?

Em quanto ao mais de que trata a resposta que temos examinado como podemos, nada achamos digno de mencionar-se, nem he do nosso proposito mostrar agora quaes opiniões perigosas tem derramado em seus escritos o Senhor Redactor. Notamos só huma cousa em ultimo lugar.

O *Astro* sabe que, ainda que fóra de tempo, o que nós confessamos, ha quem no Brazil esteja embaído com as ideias de independencia, e fomenta partidos para ella: que destes podem nascer consequencias tão funestas como os de Buenos Aires, ninguem o duvida; que he preciso atalhar o mal na sua origem, o *Astro* o confessa; que sem força se não pode fazer, he inegavel: lá não a ha, e o *Astro* não quer que se mande..... Será isto amor da humanidade? Não, que os Soldados Portuguezes não vão ser os de Pizarro, nem de Cortez, vão evitar a anarquia sem disparar hum tiro. He certo que o Brazil não tem os elementos necessarios para conseguir, e conservar a independencia da metropole; e será isto razão sufficiente para que hum partido de furiosos deixe de fazer a tentativa? Fez-se em Pernambuco em 1817: Foi loucura, he verdade; mas que fataes consequencias teve aquella loucura? Dizem que a dureza dos Governadores, dos Verres, produzia toda a indisposição: ah não! Caetano Pinto de Miranda Montenegro tinha mais humanidade que Flaminio; o seu governo no meio do despotismo foi sempre brando, e liberal durante nove annos, no fim dos quaes o embarcáram ás costas de hum negro meio nú, escoltado por dois mulatos facinorosos, cada hum com seu bacamarte egotilhado, e apontado de bem perto á cabeça do Governador. Haverá quem estes successos igno-

re? Mas... não he justo que se chame a
este escrito huma longa diatribe.

Nem a Aristodemo cumpre adiantar mais
nada, pois lhe consta que o General *Luiz do
Rego* trata de mostrar com a maior clareza
quanto são injustas, e alheiosas as imputa-

ções, que lhe hão feito seus inimigos; posto
que no conceito dos bons esteja elle já bastan-
tamente petrificado.

Aristodemo.

Distribuido Gratis com o Diario do Governo.

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA MAIGRENSE.

ANNO DE 1822.

Calçada de Santa Anna N.º 96.